



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

**“EU NÃO QUERO MAIS BATER PERNAS!” / “MAS EU QUERO!”
– O IDIOMA PESSOAL E A TÉCNICA DA ANÁLISE BIOENERGÉTICA**

Luiza Revoredo

RESUMO

Contextualizo a técnica da Análise Bioenergética no seu campo teórico, fazendo uma leitura história desde sua criação dentro do paradigma pulsional até a inclusão do paradigma relacional. Foco a diferença entre trabalhar com caráter como estrutura e como função, numa aproximação do conceito de idioma pessoal, utilizado por Gilberto Safra.

Palavras-chave: Análise Bioenergética. Caráter. Caracterologia. Idioma pessoal. Paradigma pulsional. Paradigma relacional.

.....

Nos últimos tempos tenho recebido pacientes que ao falarem das suas expectativas em relação à psicoterapia, dizem que não querem “bater pernas”, ou usar o *stool*, ou raquete, referindo-se à técnica clássica da Análise Bioenergética (AB). Buscam um espaço protegido e presença para interlocução.

Ao trazer suas questões, cada paciente também revela o mal estar contemporâneo, e o impacto destas falas me localiza num tempo cuja marca não se dá pelo encontro entre pessoas. Vivemos mudanças intensas e extremamente velozes em todas as esferas da vida privada e pública que promovem um desenraizamento e um fluxo ininterrupto e desregulado, a precariedade dos vínculos, os tremendos vazios existenciais, a quebra dos espaços comunitários, a busca ansiosa de controle de tudo isto. Paradoxalmente a vida insiste em se afirmar, muitos setores da sociedade mobilizam-se para criar saídas existenciais, com grande criatividade na produção de ferramentas de trabalho e construção de redes que sustentem valores éticos, de contato e solidariedade.

Claro que na fala destes pacientes existem questões caracterológicas e transferenciais a serem trabalhadas, mas também evidente que expressam um dos horrores do mundo contemporâneo, que é ser recebido num lugar já pré-concebido e que não os acolha na sua singularidade, reeditando sofrimentos.



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Buscam fundar um lugar aparentado a si que lhes dê morada, como diz Gilberto Safra. Este lugar, este *grounding*, é experiência e nasce do encontro entre duas pessoas.

Mais uma vez é da clínica que me chegam os questionamentos e o presente artigo é outro passo para elaborar esta nova tessitura que a AB exige para acolher o humano. Aqui, especificamente, me proponho a refletir a questão da técnica da AB, que se construiu com tal força desde o início, a reconhecida e divulgada técnica clássica, o “bater pernas”, o uso da raquete, trabalho no *stool*, posturas de *grounding*, expressões catárticas, que muitos passaram a identificar a AB como uma técnica. Para além da eficácia, isto trouxe uma imensa sombra.

O corpo na AB adquiriu uma dimensão objetivada e acabou reduzido a um monte de órgãos e feixes de músculos perdendo sua dimensão simbólica. A proliferação de técnicas foi um exercício bastante criativo, mas no seu emprego sem elaboração “psíquica” tornaram-se território de alienações e de dicotomização corpo-mente, de manipulações em direção ao politicamente correto, de expressões abusivas de poder e isto está na direção oposta ao que concebemos como um trabalho ético-político-clínico. (Revoredo, 2006)

Para iniciar esta reflexão, preciso contextualizar a técnica da AB dentro do campo teórico da qual é decorrente e para tal utilizo um modelo que Gilberto Safra nos apresenta em suas aulas da pós-graduação na PUC e USP. Safra toma como base três referências: biografia pessoal e cultural do autor; outros autores que o precederam e influenciaram; matriz clínica do autor. Estes elementos nos ajudam a identificar como Lowen concebeu o que é existência, sua visão de homem, o que é sofrimento e sua proposta de cura.

Alexander Lowen (1910/2008) cursou Direito, trabalhou como professor de ciências contábeis e durante muitos anos com atletismo em acampamentos de verão nos EUA. Dizia que sua cabeça estava no campo do ensino, mas seu coração nas atividades físicas. Descobriu que um programa regular de atividades físicas melhorava sua saúde física e emocional e dizia que se curou de todas as crises pessoais, incluindo uma depressão, com caminhadas e pela prática de esporte; isso mesmo após os 90 anos, quando perdeu sua mulher Leslie. (Lowen, 2007)



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Encontrou Reich em New York em 1940 e conhecer o ponto de vista econômico e o conceito de couraça muscular e caracterológica foi fundamental no seu percurso. Lowen foi aluno de Wilhelm Reich por dez anos e seu paciente entre 1942 a 1945, período da vegetoterapia-caráter-analítica (VCA). Foi neste processo pessoal que Lowen concebeu as bases do que mais tarde definiu como Análise Bioenergética. Vejamos algumas passagens, a título de exemplo: na sua primeira sessão Lowen deu um **grito** após **ampliar sua respiração e arregalar os olhos** (técnica da VCA) e Reich correu para fechar a janela e pediu que parasse; em outra sessão Lowen sentiu um desejo urgente de **esmurrar** e **levantou-se do divã**; ainda noutra sessão viu a imagem do rosto bravo de sua mãe enquanto ele/bebê chorava e perguntou: **porque você está zangada comigo? Gritou** expressando seu medo. Sempre querendo progredir no seu percurso pessoal, esforçou-se e Reich o aconselhou a desistir, Lowen chorou, sentindo que o progresso não se faz, vive-se. Temos aqui o tema da **entrega**, do deixar-se ir.

Em 1945 Lowen atendeu seu primeiro paciente, nos moldes da proposta reichiana. Em 1947 deixou NY em direção à Suíça para cursar medicina, como condição imposta por Reich para que continuasse a pesquisar no seu grupo. Retornou em 1951 e não sintonizou com o caminho reichiano, já na fase da Orgonomia e cada vez menos analítico, e se afastou do grupo. Muitos anos mais tarde Lowen esclareceu que sofreu pressões do Conselho de Medicina ao voltar da Suíça, negou Reich como sua referência, pois este se encontrava em fase de perseguição pelo FDA, e Lowen temeu perder a licença para exercer a medicina nos EUA.

“O erro de Reich foi não orientar seu processo terapêutico para o chão; ele literalmente trabalhava rumo ao cosmos”.

(Lowen,2007,p.51)

Temos aqui definido a importância do conceito fundante (e técnica) na AB, que é o **grounding** (enraizamento).

Em 1953 Lowen associou-se a John Pierrakos e a William Walling para dar seminários clínicos e iniciou com Pierrakos um atendimento terapêutico



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

onde um cuidava do outro. Descobriu movimentos necessários em seu corpo para relaxar, como os estiramentos para ampliar a respiração, que o levaram a criar o **stool (banco bioenergético)**. Em 1956 fundaram o IIBA nos EUA, país que vivia a contracultura e o movimento do Potencial Humano. Courtine (1993) assinala que naquela década nos EUA o trabalho corporal estava completamente disseminado e apareceram as fórmulas que expressavam a felicidade da atividade corporal, que se universalizaram “*Have fun, enjoy yourself*” (Divirta-se, aproveite). O prazer passou a ser um dever moral, consequência da forma física e desenvolveu-se na América de entre guerras uma cultura do instante (aqui- agora), rompendo com a disciplina e as tradições. É a moral do corpo mais leve, do “*feeling good*” (sentir-se bem). Nesta época o músculo já era um modo de vida na cultura americana, que vivia os seguintes paradoxos:

- A busca de um prazer pessoal coexiste com o desejo de vencer e com disciplinas e sofrimentos. Sofrer distraindo-se, disciplinar-se e se desenvolver ainda são máximas das culturas ocidentais contemporâneas.
- O sentido religioso das práticas corporais (salvação da alma) foi esvaziado em direção à saúde, que se tornou uma obsessão. O corpo é dominado no ciclo absorção- eliminação (fluxos, acúmulos e gastos de energia, incorporar, canalizar e eliminar) e o indivíduo torna-se gestor do próprio corpo. Uma gestão ansiosa, com caráter persecutório (e não hedonista), que produziu uma servidão do corpo com o correspondente aspecto narcísico, que é o esforço disciplinar e a intensificação dos controles.

Vejam que Lowen, um americano e narcisista, brilhantemente se apropria de um elemento incorporado na cultura americana, os exercícios corporais, o trabalho com a musculatura estriada, com a grande e fundamental diferença: produziu consciência e trabalhou a questão narcísica em busca de um corpo vivo. (Revoredo, 1999)

Lowen partilhou com Reich a mesma visão de homem, que nasce livre e se agrilhoa, e suas técnicas visavam efetividade para debelar a neurose e devolver ao homem o contato com seu cerne biológico, única esperança do homem dominar a miséria social. Reich e Lowen desenvolveram suas teorias e



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

técnicas dentro do paradigma pulsional, ou seja, qualquer manifestação psicológica é resultado do interjogo das pulsões que tendem à descarga.

Na AB Lowen introduziu as seguintes mudanças em relação às 3 fases do trabalho reichiano:

- Retomou a análise do caráter, que viu reduzida na VCA e retomou também o conceito de bioenergia.
- Retirou o paciente do divã, trabalhou também em pé.
- Definiu o conceito de *grounding*: contato do indivíduo com as realidades básicas da sua existência.
- Organizou estudos e observou minuciosamente os padrões de defesa, criando os tipos de caráter tais como os conhecemos: esquizóide, oral, psicopata, masoquista, rígidos (fálico-narcisista e histérica) e os tipos mistos: passivo-feminino e masculino-agressiva.
- Propôs uma técnica que priorizava a singularidade, observando a energia do paciente, intervindo para buscar o fluxo e integrar no todo. Abandonou o trabalho seqüencial com os anéis e inverteu a direção, começando o trabalho a partir do *grounding*.
- Desenvolveu dois grupos de técnicas: 1. manipulação: toques suaves e pressões controladas 2. exercícios: para liberar tensões físicas e trabalhar a expressão emocional.
- Substituiu o reflexo orgástico como parâmetro de cura e enfatizou o desbloqueio carátero-muscular como um processo contínuo. Definiu cura como capacidade de auto-percepção, auto-expressão e o auto-domínio: o indivíduo sabe o que sente, está em contato consigo, tem a capacidade de expressar e está no comando de si mesmo.

Hoje já temos mais de cinco décadas de Análise Bioenergética, que podem ser definidas em quatro períodos:

1. Até os anos 80: com base nos escritos de Lowen.
2. Segunda metade dos anos 80: uma nova produção na Costa Oeste dos EUA incluiu o paradigma relacional (tempo, espaço, terapia como encontro) e desenvolveu temas não abordados por Lowen, como o paciente borderline.



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Incluiu-se o aspecto dual, não só a questão triangular edípica na análise, então se trabalha do eixo narcísico ao edípico. Como exemplo, temos uma frase do Bob Lewis, trainer internacional da AB: “para perder a cabeça, primeiro temos que ter uma cabeça”, e Bob Hilton, outro trainer, que passa a falar de ferida narcísica.

3. 1990: no movimento denominado “volta às origens”, Lowen exigiu da comunidade bioenergética uma perpetuação teórico-técnica.

4. 1996: com a saída de Lowen a AB atualizou-se, recusando o conceito de pulsão como único e incluiu o paradigma relacional, onde se vê a experiência humana para além cargas e fluxos e sim moldada a partir da maneira como se organizam as primeiras relações do bebê com a mãe.

A perspectiva histórica e o cotidiano da clínica nos convocam a reinventar a situação clínica, porque o que nos chega é sempre transbordante às teorias e é exatamente isso que faz uma teoria e técnica vivas, não encorajadas. E aqui estamos nós, 2010, ainda envoltos nesta grande abertura conquistada pela inclusão do paradigma relacional, que trouxe consigo aportes de diferentes psicanalistas das relações objetais, que enfocam o processo maturacional do indivíduo, propondo uma clínica com diferentes manejos de *setting* e transferências, definindo a importância do terapeuta como uma pessoa real e a ocupação do lugar de terapeuta a partir da necessidade do paciente; os teóricos do corpo com suas leituras atualizadas do fenômeno da corporeidade, os efeitos do excesso de visibilidade no mundo contemporâneo e a ausência de um tempo para viver experiências; as neurociências com suas pesquisas que fundamentam práticas que já realizávamos nas psicoterapias corporais e abrem para outras; recursos técnicos trazidos de diferentes abordagens e campos do conhecimento para lidar com déficits do desenvolvimento, os apegos, os gestos inibidos, os traumas, etc.

Muito movimento, muita vitalidade, mas de novo resta-nos a tarefa de definir bordas para criar aproximações coerentes às bases da AB, que são assim definidas:



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

- A AB parte do princípio que todas as experiências afetivas humanas são eventos corporais, corpo é lugar de afetação e por sua vez afeta outros.
- Os processos energéticos (vibração, excitação, contenção, fluxo, correntes, centramento, pulsação) são subjacentes e determinam essas experiências.
- Os 3 aspectos da realidade afetiva: intrapsíquicos, relacionais e físicos são conectados e interagem. Ao abordar uma dimensão, as outras estão incluídas.
- O foco da clínica é a singularidade do indivíduo e não o seu tipo de caráter.

Retomo agora Lowen, obra e autor, como um exemplo de como se constrói e se utiliza uma técnica. Em seu livro autobiográfico (Lowen, 2007) além dos dados que redigi acima, temos muitas passagens onde ele afirma sua crença nas sensações que vem do corpo, nos sentimentos do corpo, na prática de exercícios corporais, numa coerência e fidelidade que definiu seu percurso pessoal e profissional. A partir do seu processo terapêutico com Reich, para cada necessidade que vivenciou nas sessões de VCA, seguiu-se a criação de uma técnica, que compôs o repertório da AB. Quiçá tenhamos sempre a abertura para olhar nossos pacientes e descobrir e significar o que lhes é próprio, os recursos que de fato os acessam para que eles se coloquem em movimento! Esta é a arte da terapia, o terapeuta trabalhar junto e justo ao paciente.

É fundamental destacar que Reich no seu percurso mudou três vezes de técnica (Análise do Caráter, VCA e Orgonoterapia), assumindo que se pensa cada caso a cada momento. Lowen, um observador perspicaz, aprofundou e difundiu pelo mundo o conceito de bioenergia e construiu uma caracterologia, que favoreceu diagnósticos rápidos e é de grande utilidade no manejo de muitas situações. Porém, com sua caracterologia, caráter passou a ser visto e trabalhado como estrutura e a técnica definida em função do tipo caracterológico. Isto levou à generalidade, com o conseqüente projeto técnico. Passou-se a ser um esquizóide ou um oral, e não mais o João da Silva e a



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Maria Oliveira. Virou uma abstração e perdeu-se o humano, achatou o ser, que virou coisa.

Caráter é história, uma articulação ao longo do tempo que se faz presente no aqui e agora e que também faz história; é um conceito funcional, que convoca a uma investigação do fenômeno único ali presente. Aquela pessoa específica que nos procura e adentra nossa sala chega de um jeito peculiar, constrói seu tempo e espaço ali de forma própria e através do seu movimento e postura, seu tom de voz, respiração, ritmo, se revela – a questão da forma, reichianamente definida.

Safra utiliza a expressão **idioma pessoal** para referir-se a tudo aquilo que a pessoa colheu ao longo de sua vida para compor sua trajetória, ele afirma, como Reich e Lowen, que o paciente comunica seu sofrimento pela sua corporeidade. Mas o idioma pessoal aparece também no seu discurso e estilos de narrativas. As histórias de cada paciente contêm metáforas que revelam seu modo de ser; uma dimensão visível de uma complexa rede de diálogos que se referem a muitas outras vozes que carrega em si, respostas e posicionamentos frente a outras pessoas que encontrou no seu percurso, sempre compostos de uma forma única. Seus interesses nos contam como monta sua vida e os valores que sustentam sua existência. (Safra, 2004; 2007)

A expressão idioma pessoal é muito útil à clínica bioenergética, porque inclui o ser como um todo, e não se refere a ele sob a ótica patológica, ou seja, a partir das suas defesas mais ou menos cristalizadas. Auxilia-nos a retomar o trabalho com o caráter como função e abre nossos sentidos para a especificidade de cada ser.

Desde o primeiro encontro, e às vezes pela simples fantasia realizada ao contato telefônico, somos afetados pelo paciente. Sua presença nos convida a um campo de empatia, que move nossos sentimentos, pensamentos, nosso imaginário e corporeidade, que assim revelam algo deste outro, do mundo e de nós mesmos. Dialogar com o paciente neste registro significa ter presente como ele concebe sua existência, como porta seu sofrimento e como sonha o seu devir. (Safra, 2004)



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

É a partir desta mobilização e ressonância surgida do encontro com nosso paciente, que compomos o dispositivo clínico para acolhê-lo, contemplando seu idioma pessoal, é assim que escolhemos a técnica para cada caso. Safra assinala que trabalhar com o idioma pessoal responde ao anseio ético, que é ser reconhecido na sua singularidade, e também ao anseio estético, ser reconhecido no seu estilo de ser. E mais, toda intervenção feita no idioma do paciente preserva a comunicação do seu sofrimento, sem reduzi-lo a uma abstração teórica, que ao invés de acolher, reedita seu sofrimento. (Safra, 2004)

Toda técnica da AB tem com eixo o vivenciar, daí podermos incorporar ao nosso arsenal outras técnicas corporais, especificamente para trabalhar as corações visceral e de campo; as técnicas plásticas como desenho, pintura, modelagem; jogo de areia, técnicas dramáticas, gestálticas, meditação, imaginação ativa, escrita, canto, dança, uso de objetos culturais como filmes, peças de teatro, literatura, etc. Todos estes recursos envolvem e afetam o corpo e não tem um fim em si, pois sempre demandam um trabalho de elaboração simbólica, seja pela interpretação direta do terapeuta, ou amplificação, seja pela convivência com os símbolos ali expressos. (Byington, s/d)

O uso de cada recurso implica em conhecer a que ele se propõe, pois mobiliza aspectos específicos; conhecer o nível de estruturação do paciente e o seu momento terapêutico e manejá-lo no contexto da AB. Ainda mais, a eleição de uma determinada técnica se dá pelo idioma pessoal do paciente, mas também pelo idioma pessoal do terapeuta, cujo repertório vivencial em cada uma destas possíveis linguagens é a sua construção única.

Quando no título deste artigo “Eu não quero mais bater pernas!” segui “Mas eu quero!”, referi-me àqueles pacientes para os quais um determinado recurso técnico faz sentido, por exemplo, pessoas conectadas com sua necessidade de expressar uma revolta através do movimento corporal e sentir sua vitalidade. Mas também me referi a “Eu não quero!” x “Mas eu quero!”, o jogo de poder que pode se estabelecer entre paciente e terapeuta, ao ver na recusa do paciente a uma técnica ou interpretação sempre manifestação da resistência, com a certeza de que aquele é o melhor caminho.



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

O viés patriarcal que a AB assumiu por muito tempo tem suas bases ainda em Reich, que definiu caráter de uma forma paradoxal:

- O caráter neurótico: construção patológica, uma construção do ego que precisaria ser desconstruída para que a vida acontecesse;
- O caráter genital: construção positiva, necessária, saudável, flexível, plástica.

Esta descrição em dois pólos, ainda que contemplando toda uma gama de possibilidades, deixou brechas para leituras equivocadas que definiram um conceito de saúde baseado na direção e fluxo de energia. Isto desembocou numa ditadura da saúde, a busca da técnica eficiente culminou nos famosos “tem que” e no prevenicionismo. Atribuiu-se ao terapeuta um lugar quase onisciente de saber e bastante ativo, embasado nas muitas dicas que o corpo assinala, “eu vejo no seu corpo”, “o corpo não mente”, “tudo se resolve no corpo”. Isto se deu em detrimento do trabalho de elaboração verbal e simbólico, e em detrimento do outro indivíduo à sua frente, que sempre trás em si um saber.

Que as pessoas vivam suas próprias verdades e não a tua verdade. O que é verdade orgânica para um não é absolutamente verdade para um outro homem ou mulher. Não há verdade absoluta, como não há duas faces iguais. E entretanto existem funções básicas na natureza que são comuns a toda verdade. Mas a expressão individual varia de corpo para corpo, de alma para alma. É verdade que todas as árvores tem raízes no solo. Mas a árvore concreta A não poderia usar as raízes da árvore concreta B para tirar alimento do solo, uma vez que não são as suas raízes. Manter o especial no comum, a variação na regra, é a essência da sabedoria. (Reich, 1986, p. 200)

REFERÊNCIAS

BYINGTON, C. A. Uma avaliação das técnicas expressivas pela psicologia simbólica. In: **Junguiana**. Revista da SBPA, n.11, s/d

COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo. Body-building e puritanismo ostentatório na cultura America do corpo. In: **Políticas do corpo**. Org Denise Bernuzzi de Sant’Anna. Estação Liberdade, 1995

LOWEN, A. **Uma vida para o corpo**. Autobiografia de Alexander Lowen. São Paulo: Summus, 2007



REVOREDO, Luiza. “Eu não quero mais bater pernas!” / “mas eu quero!” – o idioma pessoal e a técnica da Análise Bioenergética. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

REICH, W. **O assassinato de Cristo**. São Paulo: Martins Fontes, 1986

REVOREDO, L. **A sombra da Análise Bioenergética**. Texto, 1999. Disponível em: www.ibpa.com.br

Terapia psicorporal: quem somos nós. Texto, 2006. Disponível em: www.bioenergetica.com.br

SAFRA, G. **A po-ética da clínica contemporânea**. São Paulo: Idéias & Letras, 2004

Hermenêutica na situação clínica. São Paulo: Edições Sobornost, 2006

WEIGAND, O. **Grounding e Autonomia**. A terapia corporal Bioenergética revisitada. São Paulo: Person, 2006

.....

AUTORA

Luiza Revoredo/SP - Psicóloga (CRP 06/4671) formada pela PUC/SP/77, psicoterapeuta reichiana (Sedes/81) e analista bioenergética (SOBAB/IIBA/90). Local trainer do IABSP e professora do Cochicho da Águas. Trabalha em clínica com adolescentes, adultos, casais e supervisão. Membro do grupo que promove as 3 Bios.

E-mail: luizarevoredouol@uol.com.br

